

AMAZONAS

Porta de saída ilegal de plantas e animais

Wilson Nogueira
de Manaus

Manaus é a principal porta de saída ilegal de animais e plantas amazônicas para pesquisa científica no exterior. A informação é do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) que, no período de dois anos, fez 22 apreensões de espécies que seriam usadas em manipulação genética em laboratórios do exterior. A maioria dos biopiratas detidos ou presos são alemães, holandeses e suíços, segundo o gerente do Ibama no Amazonas, José Leland. “O Amazonas tem o maior número de ocorrências de biopirataria”, atesta.

O caso mais recente é o dos alemães Tino Hommel e Dirck Rezmüt Rainel, detidos há vinte dias no aeroporto internacional Eduardo Gomes com uma carga de 280 peixes ornamentais e pedras preciosas. “Soubemos que eles pretendiam, por meio de manipulação genética, desenvolver cardumes amazônicos mais resistentes aos climas da Europa”, afirma Leland. Como o País ainda não tem legis-

lação contra a biopirataria, os alemães foram enquadrados na lei de contrabando de animais e de pedras preciosas. Eles estão presos na carceragem da sede da Superintendência da Polícia Federal, em Manaus, porque não pagaram a fiança de R\$ 50 mil, para cada, determinada pelo Ibama. Na maioria dos casos, no entanto, os acusados pagam a fiança, ganham liberdade e deixam o país sem qualquer dificuldade. Costumeiramente, entram no país na condição de turistas e penetram nas matas com o auxílio de guias experientes. No ano passado, o Ibama flagrou um grupo de alemães que possuía equipamentos, como lupas, micro-bisturis, conservantes e reagentes químicos, que possibilitavam o estudo de pequenos insetos na própria floresta.

Outro grupo, desta vez de suíços, contratou uma ‘mula’ — analogia com as pessoas usadas no transporte de drogas — para levar

aranhas a um laboratório suíço. “A intenção era acompanhar essa ‘mula’ até o laboratório, mas a prendemos, em Recife, porque poderíamos perdê-la em função das leis internacionais”, explica Leland.

O gerente do Ibama informa que a preferência dos biopiratas é pelos animais peçonhentos, principalmente cobras e aranhas venenosas. Um grama de veneno de cobra jararaca estaria custando US\$ 5 mil nesse mercado e a mesma quantidade de veneno de escorpião nada menos do que US\$ 20 mil. Para Leland, não há dúvida de que os biopiratas são estimulados — senão financiados — por laboratórios de medicamentos localizados na Europa, principalmente. E lembra que existem pesquisas sinalizando que a cura do diabetes está no veneno do escorpião manipulado em laboratório.

O pesquisador das áreas de genética e ecologia da Universidade

do Estado do Amazonas (UEA) e ex-presidente do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) Osório Fonseca é categórico quanto à biopirataria. “Não tem jeito. Temos 13 mil quilômetros de fronteira seca e mais 1,5 mil quilômetros de fronteira oceânica, com extremas dificuldades de fiscalização. Depois, exportamos madeira, plantas, frutos, animais e outros produtos que poderão ser manipulados geneticamente, sem nenhum problema, em qualquer lugar do mundo”.

Na opinião do pesquisador, o problema só se reduzirá por intermédio de um acordo internacional que só permita as patentes biológicas com material de origem devidamente esclarecida; ou com investimento em ciência e tecnologia, que permita ao País sair na frente. “O melhor remédio contra a biopirataria é descobrirmos primeiro”, assegura Fonseca. A punição de uma lei rigorosa é necessária e urgente, mas Fonseca não acredita que seja a medida mais eficiente para esse tipo de irregularidade.

O melhor remédio contra a biopirataria é fazer descobertas primeiro

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

257

Documentação

Fonte: G M Servanants & Saudo

Data: 10/13/2003 Pg: 6/4

Class: 1-80